

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	13
PREFÁCIO.....	15
1 – A MÚSICA E A NOITE DOS TEMPOS	19
Música e Linguagem.....	19
Música e Cultura.....	20
Domínio do Sagrado	22
Mundo Antigo.....	23
2 – A IMPORTÂNCIA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA	27
Antiga Grécia	27
Eterna Sabedoria.....	28
Pitagorismo.....	29
Platonismo	31
3 – O RENASCER DA ANTIGA SABEDORIA.....	33
Antes da Renascença	33
Renascimento	34
Escrita Musical	35
4 – O NOVO PARADIGMA DO UNIVERSO MUSICAL	37
Mundo Contemporâneo	37
Fim do Consolo Tonal.....	38
Transgressão das Normas	39
Risco de se Perder o Sentido da Arte.....	40
5 – MÚSICA DAS ESFERAS.....	43
Retorno à Grécia Antiga.....	43

Som Inaudível.....	44
Série Harmónica	45
Intervalos e Números	46
Consonância Pitagórica.....	47
Harmonização entre o Céu e a Terra.....	48
Sinfonia Cósmica.....	49
6 – A DIVINA PROPORÇÃO.....	51
Fundamentos Matemáticos.....	51
Proporção Áurea	52
Série de Fibonacci e a Música	53
Trítone – <i>Diabolus in Musica</i>	56
7 – O CRIADOR <i>VERSUS</i> CRIAÇÃO.....	57
O Uno	57
O Artista enquanto Criador.....	58
Mundo Sensível e Mundo Ideal	59
8 – O SILÊNCIO E A PAZ ORIGINAL	61
Imanifestado.....	61
Manifestado.....	62
Interioridade	62
Acto de Ouvir	63
9 – O SOM PRIMORDIAL	65
O Poder Criador	65
OM	65
10 – A NOTA MESTRA DA NATUREZA.....	67
Graus de Ser.....	67
Sons da Natureza	68
11 – O SOM ENQUANTO FENÓMENO	69
Origem.....	69
Propagação.....	69
Audição.....	70
Conceitos Musicais.....	71
12 – O MUNDO EXTERIOR NÃO OBSERVADO	77

	Dimensão Sonora.....	77
	Música na Infância	78
	Mundo Mágico da Música	78
	Arte do Tempo	80
13 –	ÓRGÃO E FUNÇÃO / CÉREBRO E MENTE	81
	Processo Auditivo	81
	Formas Musicais.....	82
	O Todo e as Partes	83
	Perspectiva (Não) Reducionista.....	84
14 –	A MÚSICA ENQUANTO AGENTE TRANSFORMADOR ...	87
	Percepção Musical	87
	Música e Saúde.....	88
	Compreensão Musical.....	88
	Consonância e Dissonância.....	89
	A Música enquanto	
	Amplificadora de Efeitos	89
	Hedonismo e <i>Eudaimonia</i>	90
15 –	TUDO VIBRA E RESSOA	93
	Tudo é Energia Vibrante	93
	Ressonância.....	94
	Ordens Implícita e Explícita	95
	Ressonância Mórfica	96
16 –	A MÚSICA PARA ALÉM DO ENTRETENIMENTO.....	97
	Frivolidades.....	97
	Cega e Perversa Popularidade.....	98
	Secularização	98
	Industrialização da Arte	99
	Os Deuses Desertados	100
	Religiosidade	102
	Resgate dos Ideais Platônicos.....	104
17 –	A CEGA APOLOGIA DAS EMOÇÕES.....	107
	Mente e Desejo.....	107
	Emoções.....	108
	Natureza do Desejo	110

18 – O PROPÓSITO DA ALMA	111
Sabedoria e Virtude.....	111
Fonte de Felicidade	112
19 – O FACTOR QUALIDADE	115
Bastar-se a Si Próprio	115
Natureza Artística	116
Autenticidade	117
A Técnica pela Técnica	118
Importância do Sujeito	119
20 – O BELO, A ARTE E O AMOR.....	121
Divina Perfeição.....	121
Arte	122
Criação Musical	123
Extra Sensorial	124
Beleza Sensível e Beleza Inteligível.....	125
Significado Musical	126
21 – A MÚSICA E O APAZIGUAMENTO DA MENTE	129
Ouvir com o Corpo	129
O Nosso Eu Interior	130
22 – A EXPERIÊNCIA DO SAGRADO.....	133
Natureza Sacralizada.....	133
Presença da Ausência	134
Manifestação do Eterno no Temporal.....	135
23 – A OBRA ALQUÍMICA MUSICAL.....	137
Ascese Interior	137
24 – A MÚSICA ENQUANTO EXPERIÊNCIA MÍSTICA	139
A Grande Fusão.....	139
ÍNDICE ONOMÁSTICO	141

PREFÁCIO

Este livro visa fazer uma apologia à extraordinária importância que a música tem nas nossas vidas, enquanto indivíduos e colectivamente, destinando-se, desse modo, a todo o género de ouvintes, das mais variadas idades, incluindo, naturalmente, músicos e compositores.

Desde a minha mais tenra idade que me tenho sentido irremediavelmente fascinado com o formidável universo da música.

O seu domínio é tão vasto, mágico e ilimitado que qualquer tentativa de definição que se queira delinear soará sempre incompleta.

Se lançarmos um olhar dirigido à noite dos tempos é possível observarmos uma tremenda ligação visceral entre a génese musical e a *religiosidade* dos povos de antigamente.

Na verdade, a essência da música enquanto forma de expressão da natureza invisível faz dela um culto *religioso*, encontrando-se a dimensão do *sagrado* na origem de toda a manifestação musical.

Importa esclarecer que a *religiosidade* e o *sagrado*, cuja referência será encontrada múltiplas vezes nesta obra, não se reportam a nenhuma religião em particular (criadas e institucionalizadas, inexoravelmente remetidas à imperfeição pelo facto de serem criações do homem) mas à *religiosidade*, ou espiritualidade, intrínseca à condição humana, isto é, à dimensão humana genuinamente espiritual.



Trata-se de uma elevada dimensão da experiência humana dirigida a significados e propósitos mais profundos da própria vida, almejando o transcendente.

Refiro-me à *Religião* como forma de nos realizarmos, conectando a nossa mais profunda intimidade com a *Criação*, desde a sua mais ínfima expressão até às suas grandes e prodigiosas manifestações.

A experiência religiosa pode, perfeitamente, prescindir da religião enquanto instituição.

A música era entendida como a arte perfeita de harmonizar o céu e a terra, não sendo mais do que uma revelação das leis harmónicas universais, razão pela qual pode ser considerada uma linguagem global e transcultural.

Podemo-nos atrever a afirmar que a actividade musical é uma forma de expressão exclusiva da experiência humana.

No seio da nossa interioridade reina um carácter ascético que se traduz numa muito estreita relação entre o eu interior, a música e o silêncio.

A música permite-nos transcender o mundo físico e penetrar na gradação da metafísica.

O materialismo inerente ao mundo físico está no mais baixo nível de sentir o universo, implicando uma sensibilidade mínima, enquanto a música, assim como a poesia e as outras artes, permite-nos vivenciar o mundo das coisas num grau superior.

A música é, por excelência, a arte do tempo que penetra mais profundamente em nós, podendo ser considerada a mais subjectiva das artes.

O som precede a música, porque a música não é outra coisa senão o som que recebeu a sua forma.

Embora a música resulte de um fenómeno puramente físico, o seu efeito nos seres vivos, e no homem em particular, ainda hoje é um mistério inescrutável.

É verdadeiramente extraordinário e mágico o facto de uma simples vibração sonora, invisível aos nossos olhos, poder gerar uma tão profunda e rica experiência.



A MÚSICA E A NOITE DOS TEMPOS

MÚSICA E LINGUAGEM

A origem da música, tal como a origem do homem, tem suscitado ao longo dos tempos as maiores controvérsias, na certeza, porém, da mesma consubstanciar um carácter universal irrefutavelmente enraizado nas mais diversas culturas de todos os povos que, desde a noite dos tempos, se manifestaram ao mundo.

Um facto inegável é a antiquíssima relação que a humanidade tem com a música, sendo essa uma das formas de manifestação cultural mais antigas de que há conhecimento.

Chegaram-nos até hoje muitas teorias alicerçadas por diversos estudiosos e académicos, umas que procuram enraizar a sua génese com a origem da linguagem e outras que a procuram sustentar como uma espécie de proto-linguagem.

Os homínídeos terão tido como primeiro meio de expressão os sons organizados, levando a crer que as propriedades acústicas então produzidas estariam mais próximas das formas e estruturas musicais do que da fala.

É que a linguagem falada contém um sistema semântico de significados, evidenciando uma complexidade muito peculiar.

Enquanto linguagens, ambas têm uma gramática e vocabulário que lhes são próprias, contendo uma estrutura e organização hierárquica repleta de significados e sentidos.



A IMPORTÂNCIA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA

ANTIGA GRÉCIA

Por norma, os períodos denominados “*clássicos*” correspondem aos pontos de maior elevação e primor artístico/cultural de um povo ou civilização.

Devemos deixar claro que, embora a cultura possa ser entendida, grosso modo, como o refúgio da identidade colectiva de determinado povo, não existe propriamente uma cultura original, pois, por definição, ela resulta sempre de uma mistura proveniente de diferentes origens.

Lançando um olhar para o passado, o classicismo grego destaca-se pela forma expressiva em como através da arte é exaltada a importância do homem integral enquanto medida de todas as coisas, sendo reveladas as suas qualidades intrínsecas de perfeição, designadamente no que concerne à medida justa, proporção, ordem, equilíbrio e harmonia.

Todos os filósofos da antiga Grécia tinham fundamentos comuns, designadamente dedicados à Cosmogonia, sendo que a sua busca e reflexão estava sobremaneira dirigida à natureza substancial do Universo, questionando a matéria-prima e a matriz, a Lei que faz dele um Cosmos e não um Caos.

Há um antagonismo entre o Imanente e o Transcendente: o primeiro é atinente à existencialidade, ou mundo material no qual usamos os nossos sentidos; já o segundo reporta-se à realidade imaterial.



A MÚSICA PARA ALÉM DO ENTRETENIMENTO

FRIVOLIDADES

Actualmente, adoptou-se a ideia generalizada de encarar a música como um mero entretenimento, ou meio de frivolidade, tendendo-se a negligenciar a sua natureza mais profunda, ou sagrada.

Com esta afirmação não se pretende discriminar géneros musicais, importando, sim, separar diferentes domínios, apelando ao sentido crítico relativamente a tudo aquilo que possa entrar no nosso mundo interior, na certeza de que a música poderá ser uma força poderosa que exerce um impacto profundo sobre as pessoas e não só.

Não obstante os sentidos plurais que a música pode comportar, assim como a legítima liberdade de cada um ouvir a música que bem entender, e sem querer entrar em julgamentos morais, não deixa de ser um facto que a discussão da ética na música é hoje um exercício raro de se encontrar.

A arte, embora possibilite o encontro com o outro em satisfação do princípio da alteridade, passa por ser sempre uma experiência pessoal, havendo uma responsabilidade ética – o *Ethos* aristotélico, enquanto conjunto de valores – inerente à vivência humana advinda da sua própria natureza.

Não se trata de um moralismo que define o que está certo ou errado, trata-se de evitar o colapso da coerência do sistema.

